

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM UMA ESCOLA DO CAMPO: ENTRE A VIDA URBANA E RURAL

Ellen Beatriz de Oliveira[1]

Círculo de Saber: Políticas Educacionais e Educação do Campo

Palavras-chave: Educação do Campo; Escola; Desafios.

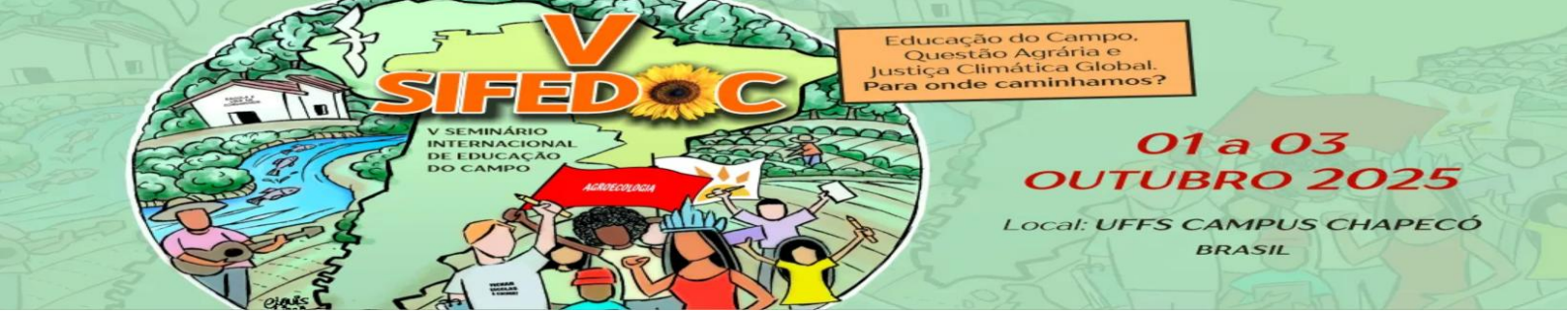
Introdução

A educação do campo no Brasil é o resultado de um processo histórico de lutas sociais pela garantia de direitos e pelo reconhecimento das particularidades das populações rurais. Apesar dos avanços que foram conquistados, ainda existem inúmeros desafios, sobretudo quando as escolas do campo se localizam em áreas urbanas, recebendo estudantes com realidades socioculturais bastante distintas. Esse é o caso da escola analisada neste trabalho, situada no centro de Tijucas do Sul, no estado do Paraná, e frequentada tanto por alunos da zona rural, os quais percorrem longas distâncias diárias para estudar, quanto por estudantes residentes no centro da cidade, sem vínculos diretos com a vida no campo.

Essa situação gera certas dificuldades pedagógicas. De um lado, os alunos do campo carregam experiências e saberes ligados ao trabalho agrícola e à vida comunitária, o que nem sempre são valorizados no espaço escolar. De outro, os estudantes que moram na região central da cidade, muitas vezes, apresentam resistência ou desconhecimento em relação à cultura do campo, o que pode contribuir para desigualdades e desmotivação. Nesse sentido, é papel da escola buscar estratégias que conciliem diferentes saberes e promovam um ambiente inclusivo.

O presente estudo analisa as dificuldades de acesso, permanência e convivência enfrentadas em um contexto híbrido, no qual se misturam realidades rurais e urbanas. A investigação foi desenvolvida a partir de observação da prática

[1] Professora de Língua Portuguesa no Colégio Estadual do Campo Prof. Francisco Manoel de Lima Camargo. Supervisora dos alunos PIBID da LECAMPO – UFPR – Setor Litoral. E-mail: eoliveira@escola.pr.gov.br.



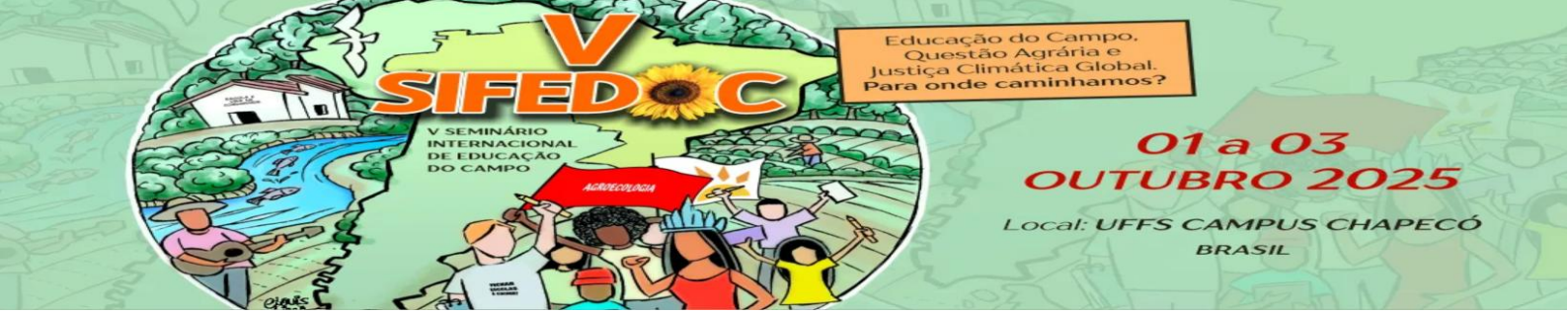
docente, relatos do cotidiano escolar e revisão bibliográfica, com o objetivo de refletir sobre os limites e as possibilidades da educação do campo em espaços urbanos e sobre a importância da valorização da diversidade cultural como condição para a efetivação do direito à educação.

Educação do Campo: entre o rural e o urbano

A educação do campo, é um direito e orientada por políticas públicas, busca atender às especificidades da população rural. Entretanto, muitos desafios se colocam quando a escola do campo está localizada no centro urbano, recebendo estudantes com vivências diferentes. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as dificuldades enfrentadas em uma escola do campo situada na área central no município de Tijucas do Sul, no estado do Paraná, onde parte dos estudantes não possui contato direto com a vida rural, enquanto outros percorrem grandes distâncias — em torno de 40 km por transporte escolar — para estudar.

A hipótese levantada é a de que a heterogeneidade do público escolar, somada às condições de acesso e permanência, exige estratégias pedagógicas diferenciadas, que levem em conta tanto a cultura do campo quanto as demandas de estudantes urbanos. A pesquisa justifica-se na necessidade de ampliar a compreensão sobre aas práticas pedagógicas inclusivas em situações em que temos mais de um público na escola. A metodologia utilizada para este estudo foi de caráter qualitativo, fundamentada em observação, análise bibliográfica e experiência docente no cotidiano escolar.

Além disso, refletir sobre a realidade dessa escola é também reconhecer a complexidade que marca o processo de ensino e aprendizagem em territórios rurais e urbanos. Não se trata apenas de analisar dificuldades estruturais, como transporte ou currículo, mas de entender como diferentes modos de vida interferem no meio escolar. Ao relacionar as culturas do campo e da cidade, a escola pode assumir um papel importante na construção de uma educação mais democrática, que valorize a diversidade e colabore para a formação integral dos estudantes.



Desafios do acesso e da permanência

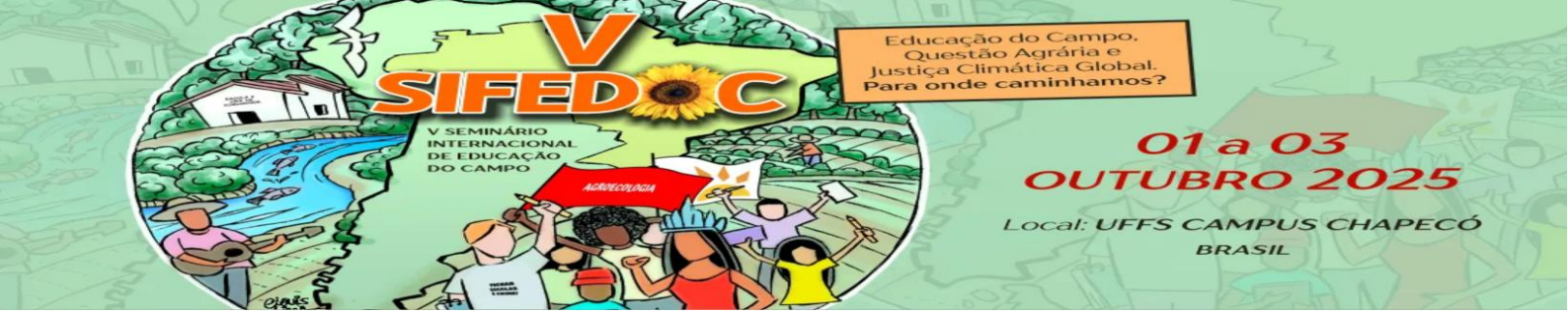
A escola do campo historicamente carrega o papel de valorizar os saberes locais, as práticas comunitárias e o vínculo das famílias com a terra (Ribeiro, 2001). No entanto, quando se encontra em uma região central, como no caso da escola analisada, surgem algumas questões: alunos de origem rural convivem com colegas urbanos, que muitas vezes desconhecem e até desvalorizam a realidade do campo.

Essa convivência, apesar de desafiadora, também pode representar uma oportunidade de aprendizado mútuo. Ao reunir estudantes com experiências sociais distintas, a escola se torna um espaço de trocas culturais, onde pode-se construir pontes entre diferentes modos de vida. Contudo, para que esse potencial se concretize, é necessário que o ambiente escolar esteja preparado para lidar com a diversidade, promovendo práticas pedagógicas que favoreçam o respeito, o diálogo e a valorização das diferenças. Caso contrário, corre-se o risco de reforçar estigmas e ampliar desigualdades que já existem.

Caldart (2012) e Molina (2015) apontam que a educação do campo precisa ser pensada para fortalecer a identidade rural e garantir que o conhecimento escolar tenha alguma relação com a vida e o trabalho no campo. Esse diálogo, porém, nem sempre se estabelece de forma efetiva em escolas que se aproximam mais do modelo urbano.

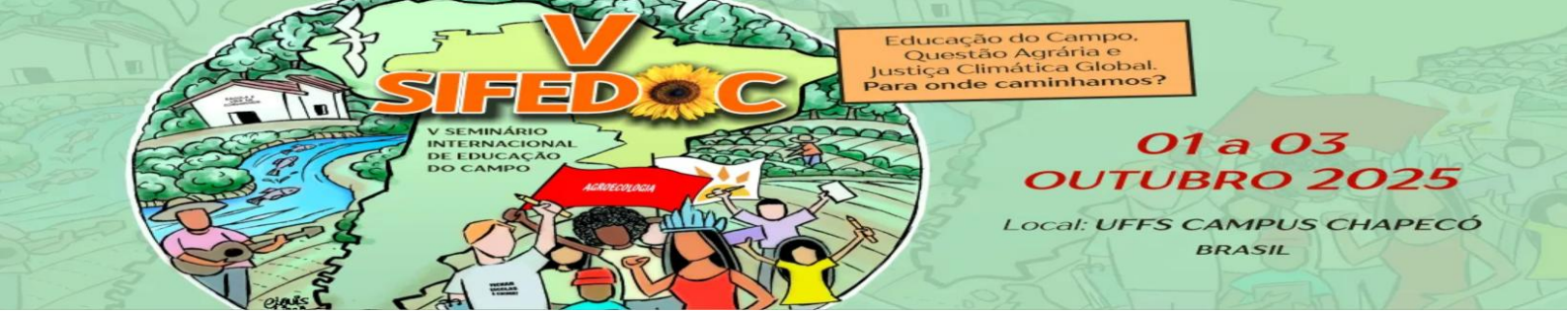
Conclusão

O presente estudo evidenciou que a realidade da escola do campo situada no centro do município de Tijucas do Sul traz desafios específicos relacionados tanto ao acesso quanto à permanência dos estudantes. O deslocamento diário de longas distâncias, em torno de 40 km, compromete a disposição física e emocional dos estudantes, resultando na defasagem de sua frequência e seu na defasagem do seu rendimento escolar. Essa condição reforça a importância de políticas públicas que garantam transporte escolar de qualidade e infraestrutura adequada para atender às necessidades das populações do campo.



Outro aspecto fundamental refere-se à convivência entre diferentes mundos de culturas diferentes dentro do ambiente escolar. A presença de alunos oriundos das cidades e do campo, com experiências sociais distintas, gera tanto oportunidades de troca quanto situações de preconceito. Nesse sentido, a escola deve assumir o papel de mediação, responsável por promover o diálogo, a valorização da diversidade e a desconstrução de estigmas relacionados ao campo, assegurando que todos os alunos se reconheçam como sujeitos de direito.

Conclui-se, portanto, que a educação do campo em espaços onde existe mais de um público – como o urbano e o rural - requer um olhar pedagógico sensível e crítico, aliado ao fortalecimento de políticas públicas. Cabe aos professores e à comunidade escolar construir práticas pedagógicas contextualizadas, capazes de integrar diferentes saberes e promover a inclusão. Somente assim será possível consolidar uma escola verdadeiramente democrática, que respeite a diversidade cultural de seus estudantes e contribua para sua formação integral.



Referências bibliográficas

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (orgs.). **Por uma educação do campo.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002.** Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: MEC/CNE, 2002.

CALDART, R. S. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso.** In: MOLINA, M. C. (org.). Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: MDA, 2012.

MOLINA, M. C. **Educação do campo e políticas públicas: uma análise crítica.** Brasília: Liber Livro, 2015.

RIBEIRO, M. **Trabalho cooperativo no MST e ensino fundamental rural: desafios à educação básica.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 17, p. 63-78, maio/ago. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a02.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.